

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

DANUSA RENATA COSTA PREDOLIN

Variação linguística e rotação por estações:
uma proposta de atividade didática

São Carlos - SP

2024

DANUSA RENATA COSTA PREDOLIN

Varição linguística e rotação por estações:
uma proposta de atividade didática

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal de São Carlos, para obtenção
do título de Licenciada em Letras -
Português/Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

São Carlos - SP

2024

Predolin, Danusa Renata Costa

Varição linguística e rotação por estações: uma proposta de atividade didática / Danusa Renata Costa
Predolin -- 2024.
35f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli
Banca Examinadora: Sílvia Maria Brandão, Letícia
Gaspar Pinto
Bibliografia

1. Variação linguística. 2. Rotação por estações. 3.
Ensino básico. I. Predolin, Danusa Renata Costa. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Danusa Renata Costa Predolin, realizada em 05/02/2024.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Avaliadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Brandão
Secretaria de Educação de Inconfidentes – MG

Avaliadora: Profa. Ma. Letícia Gaspar Pinto
Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ – UNESP/FCLAr

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Rodrigo, que sempre esteve ao meu lado me apoiando para iniciar a graduação, mesmo após tanto tempo da conclusão do ensino médio. Diversas vezes ele me aconselhava e me impulsionava a lutar e nunca desistir dos estudos.

À minha querida e amada filha, Julia, que teve muita paciência, muitas vezes ela me pedia para brincar, e, em algumas ocasiões, eu não podia devido aos inúmeros trabalhos da faculdade. Ela com todo carinho e amor me respeitava e esperava terminar meus estudos.

À minha mãe, Sandra, e aos meus sogros, Antônio e Marisa, que sempre me deram apoio e suporte para ficar com a minha filha no período noturno.

Ao meu irmão, Hugo, e à minha cunhada Solene, que sempre me apoiaram, muitas vezes vieram buscar a Julia, para distraí-la e então eu me dedicava aos estudos.

À Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli, que, no momento de meu desespero, aceitou prontamente me orientar; obrigada de coração por sua disponibilidade, dedicação, paciência e compreensão para a realização deste trabalho.

À comissão examinadora, Profa. Dra. Sílvia Maria Brandão e Profa. Ma. Letícia Gaspar Pinto, por aceitarem o convite para participar da banca, pela leitura dedicada e cuidadosa deste trabalho e pelas valiosas contribuições.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva apresentar uma proposta de atividade didática sobre o tema da variação linguística, com base na metodologia da rotação por estações. A proposta busca esmiuçar as diversas classificações da variação, fundamentadas sobretudo nas ideias de Bagno (2007), de uma forma mais dinâmica e atrativa para que os alunos compreendam o tema em questão. Neste caso, a atividade é pensada para que os alunos identifiquem a diversidade linguística da língua portuguesa, respeitando-a e combatendo o preconceito linguístico. Este trabalho também discute o que seria o inovar para ensinar e aprender, abordando o uso de uma metodologia ativa com vistas a facilitar a aprendizagem dos alunos sobre a variação.

Palavras-chave: Variação linguística. Rotação por estações. Atividade didática. Ensino básico.

RESUMEN

El objetivo de este proyecto fin de carrera es presentar una propuesta de actividad didáctica sobre el tema de la variación lingüística, basada en la metodología de rotación por estaciones. La propuesta pretende analizar las distintas clasificaciones de la variación, basándose sobre todo en las ideas de Bagno (2007), de una forma más dinámica y atractiva para que los alumnos comprendan el tema en cuestión. En este caso, la actividad está diseñada para ayudar a los alumnos a identificar la diversidad lingüística de la lengua portuguesa, respetándola y luchando contra los prejuicios lingüísticos. En este trabajo también se analiza lo que significa innovar para enseñar y aprender, abordando el uso de una metodología activa con vistas a facilitar el aprendizaje de los estudiantes sobre la variación.

Palabras clave: Variación lingüística. Rotación de estaciones. Actividad didáctica. Educación básica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VAMOS COMPREENDÊ-LA?	11
2.1 Classificações da variação linguística	11
2.2 A variação linguística no âmbito educacional	15
3 EXPLANANDO A ATIVIDADE DIDÁTICA E O MÉTODO DA ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES	18
3.1 O que é uma atividade didática?	18
3.2 Rotação por estações: um processo dinâmico que auxilia a aprendizagem	19
4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES	22
4.1 Contextualização da proposta	22
4.4.1 A proposta para a abordagem da variação linguística	23
4.2 Inovar para ensinar e aprender a variação linguística	28
5 CONCLUSÃO	31
6 REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística tem ganhado cada vez mais espaço no contexto da sala de aula, principalmente pela contribuição de pesquisadores e estudiosos da Sociolinguística, que nos trazem atualizações das transformações da língua. Como a língua é heterogênea, variável e está em processo de transformação ao longo dos anos, no âmbito do ensino e da aprendizagem de línguas, os sociolinguistas defendem o estudo, nas escolas, da norma-padrão e também das outras diversas formas de se comunicar.

Quando eu iniciei¹ meus estudos na universidade, logo no primeiro ano, foram trabalhadas questões referentes à dinamicidade das línguas. Eu achei isso espetacular, especialmente por poder entender que há diferentes formas de se dizer a mesma coisa e que, pelo fato de todas essas formas serem legítimas, devemos discutir sobre respeito e sobre formas de luta contra o preconceito linguístico².

Na segunda metade do curso, quando ingressei no Programa de Residência Pedagógica 2022-2024 (PRP/CAPES)³, no núcleo de Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a variação linguística passou a ser tema ainda mais presente em minha formação inicial. As ações desenvolvidas no núcleo, que terminarão em março deste ano, com o fim do edital vigente, levam em consideração a perspectiva dialógica da linguagem, a visão heterogênea de língua e o estudo dos mais variados gêneros textuais/discursivos (Biazolli; Gregolin; Stassi-Sé, 2021). Sendo assim, ao atuar como residente em uma escola estadual de São Carlos,

¹ Por se tratar de um relato vivenciado pela autora deste trabalho, optamos, apenas neste trecho, pelo uso da primeira pessoa do singular.

² “O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e nos dicionários e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si. (...) Mas a principal fonte de preconceito linguístico, no Brasil, está na comparação que as pessoas da classe média urbana das regiões mais desenvolvidas fazem entre seu modo de falar e o modo de falar dos indivíduos de outras classes sociais e das outras regiões. Esse preconceito se vale de dois rótulos: o “errado” e o “feio” que, mesmo sem nenhum fundamento real, já se solidificaram como estereótipos. Quando analisado de perto, o preconceito linguístico deixa claro que o que está em jogo não é a língua, pois o modo de falar é apenas um pretexto para discriminar um indivíduo ou um grupo social por suas características socioculturais e socioeconômicas: gênero, raça, classe social, grau de instrução, nível de renda etc.” (Bagno, 2014, s/p, *online*).

³ O PRP, com duração de dezoito meses (de outubro de 2022 a março de 2024), “é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura” (CAPES, 2023, s/p, *online*). Para mais informações, consulte este site: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em 13 jan. 2024.

estando à frente de atividades desenvolvidas em sala de aula com turmas do ensino básico, pude vivenciar, na prática, a necessidade de também permitir que os alunos se expressem conforme a sua cultura, fazendo-os compreender que há formas prestigiadas e desprestigiadas de se comunicar.

Tendo em vista esse contexto, este estudo tem como objetivo principal apresentar⁴ uma proposta de atividade didática sobre o tema da variação, tendo como base a metodologia ativa da rotação por estações⁵. Para a confecção dessa atividade, que pretende permitir que os alunos (dos anos finais do ensino fundamental e/ou do ensino médio) identifiquem as diferentes formas linguísticas, sempre com respeito à diversidade da língua e com combate ao preconceito linguístico, consideramos sobretudo as ideias de Bagno (2007) sobre o tema proposto, além de discutir o que são uma atividade didática e o método da rotação por estações.

Este estudo é dividido em 6 partes: (1) a introdução; (2 e 3) a fundamentação teórica, para entender os conceitos de variação linguística, atividade didática e rotação por estações; (4) a proposição da atividade e de reflexões sobre uma possível inovação do ensino e da aprendizagem de variação linguística; (5) a conclusão; e (6) as referências bibliográficas utilizadas.

⁴ Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, desenvolvido em apenas um ano, optamos apenas pela elaboração da sequência didática.

⁵ A rotação por estações é explicada na seção 3.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VAMOS COMPREENDÊ-LA?

2.1 Classificações da variação linguística

Para entender melhor o que significa variação linguística, as suas características e definições, Bagno (2007), ao abordar a língua como uma entidade heterogênea, destaca que a variação ocorre em vários níveis da língua, sendo eles: o nível fonético-fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico, o lexical, e o estilístico-pragmático. Como o autor menciona, a variação linguística é um fenômeno científico, estruturado e organizado devido a diversos fatores.

Refletindo um pouco sobre a heterogeneidade da língua, é possível observar como ela está sempre em processo de transformação. Um exemplo disso, como base para identificar uma dessas mudanças, pode ser o percurso ocorrido até chegarmos à forma *você*. Chaves (2006, p. 18), com base nas ideias de Nascentes (1956), aponta os seguintes estágios dessa mudança: “Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm’cê > voscê > você > ocê > cê”⁶. É propício identificar e reconhecer que a língua sempre está em processo de transformação e que apresenta algumas formas motivadas pelas suas correlações com a sociedade.

Nesse sentido, como Lucena (2021, p. 18) evidencia,

Ao configurar a Sociolinguística como uma área que estuda a relação entre a língua e a sociedade, passamos a entender que a língua varia decorrente de fatores que estão presentes na sociedade. Por isso, passou-se a afirmar que língua e sociedade estão imbricadas.

Bagno (2007) também define que a Sociolinguística trabalha com o conceito de heterogeneidade ordenada (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), isto é, a variação não é produto do acaso, mas ocorre de modo sistemático e totalmente possível de se analisar. Para exemplificar, para compreender a utilização de *você* ou *tu*, ambas formas pronominais legítimas, é necessário que alguns aspectos sejam controlados, tais como a localidade e o sexo/gênero dos falantes envolvidos, bem como a estrutura linguística em que a forma escolhida está inserida, entre outros (Abreu, 2017).

É perceptível que a variação, além de poder ocorrer tanto na fala quanto na escrita, recebe influências linguísticas e extralinguísticas. Com base em Bagno (2007),

⁶ Para saber o que outros autores dizem sobre esse percurso, ver Chaves (2006).

ao pensarmos em fatores externos à língua que influenciam o seu curso, podemos destacar, por exemplo, a origem geográfica do falante, o seu *status* socioeconômico, o seu grau de escolarização, a sua idade, o seu sexo/gênero, o mercado de trabalho em que está inserido e as suas redes sociais. Para a compreensão do que motiva um determinado fenômeno variável, além da análise do contexto linguístico em que ele se realiza, devemos avaliar as correlações entre o seu uso e aspectos sociais.

Para Bagno (2007, p. 44),

As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o **grau de escolarização** que, em nosso país, está muito ligado ao **status socioeconômico**: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada. Estudos sociológicos apontam que existe uma relação muito estreita entre escolaridade e ascensão social: os melhores empregos e os postos de comando da sociedade estão reservados predominantemente aos cidadãos mais escolarizados.

É a partir do grau de escolarização que se observa o acesso à educação formal, ou seja, o acesso a práticas de leitura e de escrita, fatores importantes para o desempenho linguístico das pessoas. Em nosso contexto, é comum notarmos que muitas pessoas não tiveram ou têm oportunidades de estudo, por exemplo, devido à situação financeira que enfrentaram ou enfrentam⁷. Isso dialoga diretamente com o segundo fato, o *status* socioeconômico, destacado por Bagno (2007).

Esses são alguns dos dados sociais que devemos considerar ao refletirmos sobre a diversidade linguística, uma vez que são importantes para termos o conhecimento de como são amplos e complexos os estudos e os conceitos de variação linguística.

A variação linguística também pode ser explicada por nuances estilísticas e graus de monitoramento que as situações diversas de comunicação demandam. Isso significa dizer, por exemplo, que um mesmo falante varia de acordo com o tipo de interação do qual ele faz parte. Quando uma pessoa vai concorrer a uma vaga de emprego em qualquer estabelecimento, por exemplo, esta tentará falar ou se

⁷ A evasão escolar no Brasil é alta, conforme apresentado na reportagem, de Julia Galvão, intitulada “Cerca de 2 milhões de jovens estão fora das escolas no Brasil, segundo o Unicef”, publicada no Jornal da USP, em 29/05/2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=644247>. Acesso em: 13 jan. 2024.

comportar de uma determinada maneira, talvez se policiando para buscar falar mais adequadamente, de acordo com os usos prestigiados, ocorrendo até uma tensão psicológica no momento; e, quando esta mesma pessoa vai conversar com um amigo ou alguma pessoa da família, ela pode já não se monitorar tanto, ficando descontraída. Na produção escrita, isso também ocorre. Quando escrevemos um bilhete para o nosso chefe, há certo policiamento na escolha das palavras e na forma de registrá-las; caso seja um bilhete para nosso pai ou nossa mãe, provavelmente, não devemos ficar tão apreensivos assim no momento da escrita.

Feita essa contextualização, a variação linguística está presente em nosso cotidiano muito mais do que imaginamos. Em resumo, ela pode ser classificada como duas ou mais formas linguísticas empregadas com o mesmo significado, sendo influenciada por diferentes aspectos, e pode ser de diferentes tipos. Um desses tipos é a:

Variação diatópica: (...) aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém de DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar” (Bago, 2007, p. 46).

A variação diatópica ou geográfica é verificada no uso da língua conforme o espaço geográfico em que seus falantes convivem. Nesse caso, percebemos diferenças nos sotaques das pessoas, no uso de determinadas palavras e/ou construções, etc.

A língua também pode se correlacionar com traços sociodemográficos. Sendo assim, temos a **variação diastrática**, que “é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes **classes sociais**. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato” (Bago, 2007, p. 46).

Como percebemos, a variação diastrática ou social pode ocorrer a partir de grupos sociais econômicos diferentes, caracterizados por sua renda ou grau de escolaridade. Podemos dizer que determinado grupo se expressa diferente de outro, já que os grupos, por terem diferentes culturas e costumes, também podem usar a língua de forma distinta. Esses grupos podem ser formados de acordo com a idade, a classe social, a religião, a profissão etc. dos indivíduos.

Outra classificação para a variação é esta:

Varição diamésica: é a que se verifica na comparação entre a **língua falada e a escrita**. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. O adjetivo provém de DIÁ e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação” (Bagno, 2007, p. 46).

Nessa variação, podemos perceber a diferença entre a língua falada e a escrita, e em relação aos gêneros textuais em que são empregadas. A expressão oral normalmente é pronunciada sem planejamento, enquanto a expressão escrita é resultado, geralmente, de mais tempo para pensar na hora de elaborá-la⁸.

A penúltima classificação é a que se refere à **variação diafásica**. Esta, para Bagno (2007, p. 47), “é o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de **monitoramento** que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, ‘expressão, modo de falar’”.

A variação diafásica ou situacional está relacionada à situação interacional em que o indivíduo se encontra e como ele se expressa, além dos condicionamentos sociais. Um uso informal ou formal da língua vai depender do acesso do falante a uma gama variada de estilos, de onde ele estiver se comunicando e com quem ele estiver interagindo.

Por fim, Bagno (2007) apresenta a variação diacrônica. Segundo o autor,

Varição diacrônica: é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da **história** de uma língua. As línguas mudam com o tempo e os estudos das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo” (Bagno, 2007, p. 47).

A variação diacrônica ou histórica se dá a partir da comparação do tempo; em outros momentos, percebemos algumas expressões e modos de falar que hoje em dia já caíram em desuso ou foram se modificando temporalmente.

Até aqui, observamos, então, que existem muitos “modos de falar” uma língua. Todas essas variedades linguísticas se correlacionam a fatores externos. Para que os

⁸ Bagno, em seu “Dicionário crítico de sociolinguística”, de certa forma, atualiza essa informação. Para o autor, “devido à tradição cultural muito impregnada no Ocidente em que a escrita (principalmente a literária consagrada) é considerada superior à fala – tida como caótica e desregrada –, os falantes mais letrados tendem a monitorar mais sua produção escrita. Mesmo assim, a recente introdução nos estudos linguísticos do conceito de **gêneros textuais/discursivos** vem suscitando investigações que demonstram não haver nenhuma distinção rígida entre fala e escrita, sobretudo na atualidade, quando o desenvolvimento exponencial dos meios de comunicação digitais tem permitido a **hibridização** intensa dos gêneros” (Bagno, 2017, p. 88).

alunos, portanto, compreendam o porquê da necessidade de dominarem as variedades prestigiadas, antes, eles precisam ter em mente que “toda língua é um feixe de variedades” (Bagno, 2007, p. 47), além de saber que “toda e qualquer variedade é plenamente funcional” (Bagno, 2007, p. 48).

2.2 A variação linguística no âmbito educacional

Uma das grandes contribuições dos estudos sociolinguísticos ao contexto de ensino e de aprendizagem de línguas é o fato de terem destacado a necessidade de a variação linguística ser vista como um fenômeno natural e inerente a qualquer língua. Desse modo, o considerado “bom” uso linguístico não deve ser o único a ser estudado nas escolas, em especial porque esse “bom” uso, muitas vezes, recebe essa avaliação apenas pelo viés sociocultural.

Nessa esteira de pensamento, os conceitos de “certo” e “errado”, no que diz respeito aos usos linguísticos, também deveriam ser repensados, uma vez que “bons” usos também podem vir de variedades não padrão, trazidas de casa pelos alunos, a partir de seus costumes, culturas e linguagens variadas. Um dado linguístico não está “certo” ou “errado”, mas sim adequado ou não a uma determinada situação de interlocução. Como esclarece Bortoni-Ricardo (2005, p. 26), devemos resguardar “o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela urbana ou rural, popular ou estilista”.

Essas reflexões devem ser conduzidas pelo professor, para que os alunos pesquisem e tomem consciência do quanto a nossa língua – no caso, a língua portuguesa – é plural. Para Lucena (2021, p. 55), na escola, não basta uma abordagem meramente prescritiva da língua ou

(...) restringir seu ensino ao conhecimento de sua estrutura e funcionamento pela adoção de metodologias descritivas (...). Outrossim, ratificamos a necessidade também de investir no fortalecimento de competências comunicativas que estimulem o desenvolvimento de novas habilidades na perspectiva de um ensino produtivo da língua que situe e inscreva o aluno nas diversas situações em que necessita.

Na visão de Bagno (2007), apesar da inserção da variação linguística nos livros didáticos, desde 1996, quando linguistas e educadores passaram a contribuir para a

elaboração de uma verdadeira política linguística, essa introdução ainda não foi tão satisfatória, talvez pela falta de uma base teórica e pela confusão no emprego de conceitos e termos em torno dos fenômenos da variação linguística.

Nesses livros, a utilização exacerbada de tirinhas do Chico Bento, de músicas de Adoniran Barbosa e de poemas do Patativa do Assaré demonstra nitidamente que a abordagem da variação não está sendo feita com base em um trabalho com variedades reais (Bagno, 2007). A fala do Chico Bento, totalmente caricata, por exemplo, não representa o modo como um falante da zona rural se expressa. O compositor Adoniram, em “Tiro ao Álvaro”, por exemplo, usa “táubua” e tantas outras palavras na canção por uma questão de função métrica, para ficar com um som mais agradável de ouvir (Figueredo, 2019). O mesmo pode ser dito em relação às escolhas feitas por Patativa em seus poemas, as quais tinham razões estilísticas. Portanto, as tiras, as músicas e os poemas, segundo Bagno (2007), não podem ser representações fiéis das variedades linguísticas porque neles está presente uma intenção lúdica, artística e estética e não uma intenção de trabalho científico rigoroso.

Para que, de fato, ocorra uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, é indispensável que ele tenha contato com usos linguísticos reais, representantes dos variados tipos de variação – apresentados no início desta seção. Sendo assim, no âmbito educacional, ou seja, em sala de aula, deve haver o “estudo cuidadoso das variações correntes na língua portuguesa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 28). O papel do professor, nesse estudo, é crucial. Carvalho (2012), ao analisar livros didáticos de português como segunda língua, faz uma afirmação que, na verdade, pode se estender ao papel de quaisquer professores, de todas as áreas. É ela:

O professor que exerce o papel fundamental de mediador entre o material didático adotado e o aprendiz, a ele cabe a tarefa de trazer para a sala de aula situações reais e temas adequados às necessidades dos aprendizes, contemplando e adaptando o material sempre que se fizer necessário (Carvalho, 2012, p. 245).

Em termos de ensino e de aprendizagem de línguas, o que devemos buscar é a constituição de uma política educacional que atenda a estas condições:

- (i) respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando-o do perverso processo de conflito de valores e de insegurança linguística;
- (ii) garanta-se-lhe acesso à língua-padrão, permitindo-lhe mobilidade social;
- (iii) seja facilmente operacionalizável (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 28).

Na próxima seção, a fim de propor um trabalho que aborde a variação linguística de forma mais autêntica e interessante aos alunos, discutimos os conceitos de atividade didática e do método da rotação por estações.

3 EXPLANANDO A ATIVIDADE DIDÁTICA E O MÉTODO DA ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES

3.1 O que é uma atividade didática?

Para haver um “estudo cuidadoso das variações correntes na língua portuguesa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 28), conforme mencionado anteriormente, é importante que o professor tenha uma estratégia de planejamento para, posteriormente, colocá-la em prática (Zabala, 1998).

Uma dessas estratégias pode ser a confecção de uma atividade didática sobre o objeto de ensino e de aprendizagem em questão. De acordo com Monteiro (2014, s/p, *online*),

As atividades didáticas constituem meios de organização do trabalho pedagógico em sala de aula, que concretizam um conjunto de procedimentos específicos, próprios da situação de ensino-aprendizagem e servem como mediadoras da relação entre os alunos e um objeto de conhecimento ou entre as relações sociais inerentes ao contexto pedagógico. Isso pressupõe que o processo de aprendizagem escolar depende de certas atitudes e procedimentos que devem fazer parte dos programas de ensino para que ocorram, de fato, alterações nos estados de compreensão dos alunos.

Com base nessa visão de *atividade didática*, a prática de ensino estaria ligada a decisões de duas ordens. De um lado, a definição de como encaminhar o trabalho pedagógico em sala de aula – os procedimentos de ensino-aprendizagem ou a forma pela qual professores e alunos vão interagir com o objeto de conhecimento. De outro lado, a definição sobre quais elementos ou propriedades do objeto de conhecimento deverão ser foco da atividade pedagógica, para possibilitar o processo de aprendizagem do aluno.

No caso deste estudo, a atividade didática sugerida, assim como recomendado por Monteiro (2014, s/p, *online*), pretende explorar o domínio dos conhecimentos dos alunos em sala de aula, bem como impulsionar a interação entre eles e o professor e entre eles próprios. Buscando a realização satisfatória de qualquer atividade didática planejada, é importante que ela seja ordenada e articulada para a efetuação de certos objetivos educacionais e, além disso, que tais objetivos sejam compartilhados com a turma.

Para a abordagem da variação linguística, optamos por uma atividade baseada na rotação por estações, uma das várias metodologias ativas de aprendizagem existentes, como descrito a seguir.

3.2 Rotação por estações: um processo dinâmico que auxilia a aprendizagem

A rotação por estações é um método para contribuir com a aprendizagem dos alunos, realizado de uma maneira mais dinâmica e interativa, e com o objetivo de que eles efetivamente aprendam o conteúdo ou tema abordado. Para compreender seu funcionamento, é necessário relacionar esse tipo de proposta às metodologias ativas. Silva, Brasil e Fernandes (2023), retomando as ideias de Moran (2015), mencionam que

Na década de 1930 o educador Reginald William Revans já utilizava o termo Aprendizagem Ativa. Nesse molde, são enfatizados os experimentos de aprendizagem com estímulo ao debate, estudos de caso, raciocínio lógico e atividades que buscam melhorar o relacionamento interpessoal dos estudantes (MORAN, 2015) (Silva; Brasil; Fernandes, 2023, p. 02).

Segundo Guimarães *et al.* (2023), para chegarmos ao entendimento do que seriam as metodologias ativas, devemos tomá-las como oposição às aulas tradicionais, desenvolvidas com base na exposição do conteúdo pelo professor. Nesse sentido,

A utilização de metodologias ativas de forma integrada ao currículo requer uma reflexão sobre alguns componentes fundamentais desse processo: o papel do professor e dos estudantes em uma proposta de condução da atividade didática que se distancia do modelo considerado tradicional; o papel formativo da avaliação e a contribuição das tecnologias digitais; a organização do espaço, que requer uma nova configuração para o uso colaborativo e integrado das tecnologias digitais; o papel da gestão escolar e a influência da cultura escolar nesse processo. O papel desempenhado pelo professor e pelos alunos sofre alterações em relação à proposta de ensino tradicional e as configurações das aulas favorecem momentos de interação, colaboração e envolvimento com as tecnologias digitais (Bacich, 2018, *s/p apud* Guimarães *et al.*, 2023, p. 102).

Um ponto-chave para a utilização de metodologias ativas é fazer com que os alunos se tornem protagonistas, tendo papéis centrais e ativos em seus processos de aprendizagem. Ao pensarmos em protagonismo estudantil, podemos nos voltar às ideias de Freire, que, segundo Silva, Brasil e Fernandes (2023, p. 04), já explicavam que o “uso das metodologias ativas estimula o desenvolvimento de ação-reflexão-ação do aluno”. Segundo as autoras, em complemento a esse pensamento, também

existem alguns princípios das metodologias ativas, tais como “(...) Autonomia, Comunicação, Compreensão da Realidade, Trabalho em Equipe, Inovação e Reflexão (...)” (Silva; Brasil; Fernandes, 2023, p. 04).

Dentro de um conjunto de metodologias ativas, damos ênfase à rotação por estações, um modelo em que os alunos são divididos em grupos e, para cada grupo, em dada estação, é proposta uma atividade; depois de determinado tempo, os grupos trocam de estação, até que todas as atividades sejam feitas por todos. Quando chegam ao fim do percurso, o tema estudado deve ser debatido com todos os colegas. Segundo Guimarães *et al.* (2023, p. 103),

A rotação por Estações é uma abordagem pedagógica que permite aos alunos trabalharem em diferentes atividades ou estações de aprendizagem dentro do ambiente escolar. Também pode ser abordada no Ensino híbrido onde combina o ensino presencial com o *online*. Cada estação pode ser projetada para atender a um estilo de aprendizagem específico ou pode se concentrar em habilidades e conceitos diferentes.

Neste estudo, apresentamos uma atividade de rotação a ser desenvolvida presencialmente no ambiente escolar. No entanto, feitas as devidas adaptações, ela também poderia vir a ocorrer no contexto virtual. É fato que, tanto para que seja realizada presencial ou remotamente, a proposta requer que o professor a tenha estudado e tenha um conhecimento prévio de como aplicá-la a uma determinada turma específica.

No desenrolar da atividade de rotação por estações,

(...) o professor deve ser capaz de observar e monitorar o progresso dos alunos em cada estação de aprendizagem e fornecer orientação e suporte quando necessário. A avaliação também é de suma importância nesse processo, por isso, o docente deve saber como avaliar os aprendizes, seja por meio de atividades específicas para cada estação ou observações ou conversas individuais com os alunos durante as estações, e com isso ele poderá identificar áreas que precisam de mais atenção (Guimarães *et al.*, 2023, p. 105).

Essa metodologia permite que o professor realize adaptações conforme a sua realidade educacional e promova a autonomia dos alunos, instigando-os a adquirir mais conhecimento, de forma dinâmica e lúdica, e envolvendo-os em desafios, descobertas e reflexões sobre o tema ou conteúdo trabalhado.

A avaliação de aprendizagem dos alunos é relevante em quaisquer contextos; portanto, também deve ser levada em consideração quando o método utilizado é o da rotação por estações. Para Andrade e Souza (2016, p. 07),

A avaliação nesse modelo de ensino tem o objetivo de diagnosticar e analisar o desempenho individual e do grupo daquilo que foi ensinado nas estações. Para isso, o(s) objetivo(s) de cada estação deve estar alinhado com os resultados de aprendizagem que o professor deseja alcançar e com a(s) atividade(s) proposta(s) na estação.

É importante ressaltar que o tempo para cada rotação depende dos objetivos de cada estação e, ainda, das especificidades da turma (Andrade; Souza, 2016). Além disso, dentro das possibilidades da situação, é sempre bem-vinda a presença de algum mediador em cada uma das estações propostas.

Trabalhar com a rotação por estações – neste caso, sobre o tema da variação linguística – é fazer com que os alunos sejam mais proativos na hora de refletir sobre a própria língua que utilizam, fazendo-os interagir e socializar suas crenças sobre a língua portuguesa, além de compreenderem que duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa podem, sim, acontecer e todas devem ser respeitadas.

A rotação por estações apresenta muitos benefícios, dentre eles, por exemplo, “(...) oportunidade dos estudantes aprenderem tanto de forma individual quanto colaborativa; e, (...), o acesso a diversos recursos tecnológicos que possam permitir, tanto para professores como para os alunos, novas formas de ensinar e aprender” (Andrade; Souza, 2016, p. 08).

Na próxima seção, apresentamos a atividade didática, com base no modelo da rotação por estações, que elaboramos para o tratamento do tema da variação linguística.

4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES

4.1 Contextualização da proposta

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de atividade didática sobre o tema da variação linguística, baseada no método da rotação por estações, tendo como público-alvo, principalmente, turmas de nono ano do ensino fundamental e de primeiro ano do ensino médio. Para isso, anteriormente, foram explanados alguns conceitos, tais como o de variação linguística, o de atividade didática e o de rotação por estações.

Propomos que cada uma das estações aborde um tipo de variação linguística⁹. A expectativa é que a atividade ocupe uma aula dupla, de 45 minutos cada, para que os grupos sejam organizados, as rotações ocorram e, no fim, para que haja um breve balanço da experiência¹⁰. As rotações deverão ocorrer de 15 em 15 minutos. Entretanto, isso é apenas uma expectativa, porque dependerá de aspectos da própria turma participante.

Para a realização da atividade, detalhada a seguir, recomendamos que, previamente, além de explicar à turma o que estará prestes a acontecer, o professor organize todas as estações, deixando em cada uma delas uma folha explicativa, com orientações do passo a passo de como os alunos deverão desenvolver as tarefas sugeridas. Cada grupo também deverá receber uma folha com instruções para que anotem os resultados das etapas vivenciadas em cada estação. Essa folha deverá ficar sob a posse do grupo, para que seja entregue ao professor e este possa avaliar o desenrolar da proposta.

Além disso, em cada estação, sugerimos que o professor deixe um envelope fechado, contendo, do lado de fora, um aviso para que ele seja aberto somente quando a tarefa da estação estiver completamente concluída, após um aviso. Dentro do envelope, o professor deverá disponibilizar um material que explique o conceito da variação-alvo de cada estação. O objetivo desse material é facilitar a assimilação dos alunos à atividade que acabaram de desenvolver.

⁹ Em função das tarefas propostas, em uma das estações, decidimos trabalhar a variação diafásica e a variação diamesica em conjunto.

¹⁰ Tanto esse balanço quanto uma avaliação mais detalhada da proposta – e a retomada do conteúdo sobre variação – podem ser continuados em uma aula futura, dado o tempo curto disponível, ainda que estejamos pensando no uso de aulas duplas.

O professor será o responsável por controlar o tempo da realização das atividades, o momento de abrirem o envelope e, por último, a hora de rotacionar, fazendo com que os alunos troquem de estação. Enquanto as atividades estiverem ocorrendo, ele também poderá passar de estação em estação para verificar se a dinâmica estará acontecendo conforme o esperado e se os alunos estarão tendo alguma dificuldade. Em casos em que haverá um mediador responsável em cada estação, as possíveis dúvidas dos alunos serão sanadas com mais rapidez.

4.1.1 A proposta para a abordagem da variação linguística

A estação 01 abordará a variação diatópica ou geográfica. Com base em um jogo da memória, elaborado previamente pelo professor, os alunos terão contato com variantes de um mesmo item. O jogo poderá conter pares relacionados a variantes lexicais – “aipim e macaxeira”, “sacolé e geladinho”, “bolacha e biscoito”, “picadinho e carne moída”, “comboio e trem”, “refrigerante e gasosa”, “jerimum e abóbora”, “passeio e calçada” etc. –, bem como pares com construções variáveis – “assistir ao filme e assistir o filme”, “eles falam e eles fala”, “diga-me e me diga”, “o bolo de que gosto e o bolo que gosto”, “eu o encontrei e eu encontrei ele” etc.

Todos os pares, escritos em pequenos pedaços de papel, deverão ser postos em uma mesa voltados para baixo, para que não possam ser vistos. Ao lado das peças, deverá estar a folha explicativa, para que eles compreendam que o objetivo do jogo é encontrar formas diferentes de se dizer a mesma coisa. Dependendo do ano da turma, para facilitar esse entendimento, o professor deverá deixar sob a mesa como exemplo um par aberto.

Cada aluno do grupo terá a chance de tentar encontrar um par. Se não conseguir, deverá passar a vez ao próximo, até que todos os pares sejam encontrados. Na folha dada ao grupo para anotações, eles deverão registrar as combinações encontradas e também poderão refletir sobre algumas questões, “Quais destas palavras e construções vocês já conheciam?”, “Onde essas palavras e construções geralmente são faladas?”, “Encontrar as combinações foi uma tarefa fácil?” etc. Na folha disponível dentro do envelope, eles encontrarão o seguinte:

As variedades geográficas, regionais ou territoriais ocorrem em função da existência de comunidades linguísticas geograficamente limitadas no interior de uma comunidade mais extensa, a nação. [...] As pessoas das diferentes regiões em que se fala a mesma língua apresentam variação no uso dessa língua, variação que pode ser relativa à forma de pronunciar os sons, ao uso característico do vocabulário ou à forma de construir as estruturas sintáticas. Assim, os falantes do português do Brasil apresentam modos de falar diferentes dos falantes do português europeu bem como do português falado nos países da África. Também no interior do Brasil encontram-se falares diferenciados, como o dialeto carioca, o nordestino, o amazônico, o mineiro, o gaúcho, entre outros. Tem-se, ainda nessa dimensão, a diferença entre a linguagem urbana e a linguagem rural. A linguagem urbana é mais próxima da linguagem comum falada nos meios de comunicação, na escola e na literatura. A linguagem rural vem se extinguindo naturalmente, com a urbanização cada vez mais crescente em nossa sociedade, mas ainda se pode falar em dialeto caipira (Marinho; Costa Val, 2006 p. 25-26).

Em especial, essa atividade deverá servir para que os alunos tenham contato com palavras e construções com as quais não estão acostumados, porque são utilizadas em regiões diferentes das que eles residem. Com isso, poderão refletir sobre como a língua portuguesa é diversa, heterogênea, e merece ser respeitada.

A estação 02 tratará da variação diacrônica ou histórica. Para isso, o professor poderá contar com algum vídeo, dos vários existentes e disponíveis na plataforma *YouTube*, que apresenta a leitura do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1885. Por intermédio de um computador, um *tablet* ou um celular, os alunos deverão clicar no *link* disponível e acompanhar a leitura da história. Ao lado do aparelho tecnológico, haverá a folha explicativa, orientando-os a perceber se o português utilizado antigamente difere do português dos dias de hoje.

O trabalho com esse conto será interessante porque ele traz palavras que os alunos não estão habituados a usar, por exemplo, “coser”, “balaio”, “galgo”, entre outras, e algumas construções que, embora sejam destacadas pela norma-padrão, nem falantes altamente escolarizados utilizam com frequência, como nos trechos “*Deixe-me, senhora.*”, “(...) *diga-me quem é que vai ao baile (...)*” e “*Cansas-te em abrir caminho (...)*”.

Na folha do grupo, eles deverão registrar quais palavras antigas reconheceram no conto, outras palavras que tenham despertado o interesse deles e eles gostariam de compartilhar com o professor e com a turma e, por último, se eles estão habituados a usar construções como “*Deixe-me, senhora.*” e “*Cansas-te em abrir caminho (...)*”.

No envelope, constarão estas palavras:

A língua evolui e se desenvolve ao longo do tempo. As mudanças linguísticas ocorrem em estados sucessivos de uma língua em função das ações dos falantes, que contribuem para que determinada forma caia em desuso para que outra, por eles adotada, sobreviva. O conjunto de mudanças que ocorre com o passar do tempo é chamado de variação *histórica* ou *diacrônica*. As variedades históricas são mais perceptíveis na língua escrita, na medida em que, por escrito, se pôde fazer o registro dos usos das épocas dos diferentes estágios por que passa a evolução da língua (Marinho; Val, 2006, p.30).

O principal intuito dessa estação é fazer com que os alunos reflitam sobre as mudanças da língua devido ao tempo percorrido. E reflitam ainda sobre os seus usos linguísticos atuais, que também poderão ocasionar mudanças linguísticas futuras. Por exemplo, a recorrente não utilização da ênclise, mesmo em contextos previstos pela norma-padrão, poderá levar ao desaparecimento total dessa forma no falar brasileiro, em algum futuro.

A estação 03 focará no estudo das variações diafásica ou situacional (ou de registro) e diamésica. Na folha com as orientações, haverá a indicação de que os alunos deverão improvisar, criando cenas comunicativas do cotidiano. O objetivo é que eles reflitam sobre como as formas linguísticas podem variar conforme a situação de comunicação e a modalidade de uso da língua envolvida nessa situação – fala ou escrita.

Os alunos deverão simular uma pessoa em quatro situações de interação: (i) enviando um áudio no *WhatsApp* para um grande amigo, convidando-o para participar de uma festa beneficente; (ii) ligando para o seu chefe, também para convidá-lo para essa festa; (iii) escrevendo um *tweet*¹¹ para convidar seus seguidores para essa festa; e (iv) escrevendo uma breve nota, a ser publicada no jornal da cidade, convidando todos os leitores para participarem da ocasião. Na folha explicativa, dependendo do ano da turma, o professor deverá acrescentar uma explicação sobre o que é um evento beneficente.

Além dessa explicação, na folha, também deverá constar outra recomendação: os alunos deverão se dividir em duplas ou trios para a elaboração das cenas. Sendo assim, alguns trabalharão com os áudios e outros com as produções escritas. O professor também deverá deixar explicado que uma conversa familiar espontânea, uma ligação telefônica (direcionada a uma pessoa com a qual não se tem muita intimidade), uma publicação na rede social e uma nota social demandam usos

¹¹ Publicações feitas na rede social X (*Twitter*).

linguísticos diversificados. No fim, um integrante do grupo deverá ficar responsável pela certificação de que os áudios foram gravados e o *tweet* e a nota fotografados. Esses materiais poderão ser apreciados por toda a turma em uma aula futura.

Para a realização dessas tarefas, deverão constar na estação um aparelho celular – talvez o do professor, caso este queira emprestá-lo – e folhas sulfites.

Na folha do grupo, os alunos deverão registrar as facilidades e as dificuldades vivenciadas para simular as cenas comunicativas solicitadas. Na folha do envelope, por sua vez, encontrarão estas considerações:

As variedades de registro ocorrem em função do uso que um mesmo falante faz da língua nas diversas situações em que produz uma atividade verbal. Conforme as circunstâncias em que a interação verbal se realiza, o falante buscará a forma de expressão que julgar mais adequada. Caso se encontre entre amigos, num campo de futebol, participando de um jogo, o falante poderá dizer: “*Chuta a bola pra mim!*”. Com certeza ele não dirá algo como “*Solicito-lhe que impulsione a bola com o pé na minha direção*”, já que essa forma de expressão seria inteiramente inadequada a tal situação comunicativa (Marinho; Val, 2006, p. 37).

Nessa estação, os alunos deverão refletir que vários aspectos influenciam as escolhas linguísticas, tais como com quem estamos nos comunicando, para que estamos nos comunicando, em que ambiente estamos interagindo e sobre o que estamos falando. Esse conjunto de fatores faz com que nos monitoremos mais ou menos.

A última estação, a estação 04, trabalhará com a variação diastrática ou social. Será proposto um rápido debate sobre os impactos da educação formal na competência linguística dos falantes. Desse modo, na folha explicativa sob a mesa da estação 04, será solicitado que eles, primeiramente, debatam a seguinte questão: “Vocês acreditam que o acesso à educação e a oportunidades impacta na forma de uma pessoa falar?”.

Após a leitura da questão, haverá a orientação para que eles conversem sobre suas opiniões e, posteriormente, na folha do grupo, anotem uma palavra ou uma frase ou um parágrafo sobre o assunto. Concluída essa parte, eles deverão abrir uma pasta disponível na mesa.

Dentro da pasta, haverá a postagem feita por um médico, em suas redes sociais, ridicularizando um paciente que havia pronunciado as palavras “raio-x”

(“raôxis”) e “pneumonia” (“peleumonia”)¹² de uma forma diferente. Para que os alunos entendam o contexto, será explicado, embaixo da foto da postagem, que o médico, após atender um mecânico de 42 anos, foi às redes sociais para zombar do modo como o paciente pronunciava os termos técnicos, escrevendo em uma folha de receituário a forma como tais palavras haviam sido ditas.

Na sequência, será pedido que os alunos escrevam na folha do grupo o que acharam da atitude do médico, de debochar e publicar os termos pronunciados pelo paciente. Por fim, no envelope, estarão estas ideias:

As diferenças linguísticas na dimensão social ocorrem em função de as pessoas pertencerem a classes ou grupos sociais distintos. O meio em que vivem os falantes – o ambiente familiar bem como o grupo social – é caracterizado por normas de conduta e padrões culturais e linguísticos próprios a cada comunidade. Daí a semelhança entre as formas de expressão de falantes de um mesmo grupo. Assim, pode-se falar em linguagem de médicos, de economistas, de professores, de mecânicos etc. Essas linguagens ou jargões profissionais são reservados a ambientes e ocasiões determinados em que os integrantes do grupo mantêm-se unidos e excluem pessoas de outras comunidades linguísticas de sua comunicação. As gírias também têm essa função (Marinho; Val, 2006, p. 28).

Essa estação abordará um assunto muito importante, principalmente se o professor, no fechamento da aula e em aulas futuras, conduzir o debate para a necessidade de respeitarmos o modo como as pessoas falam, aproveitando a ocasião para discutir o preconceito linguístico existente em nossa sociedade.

É importante que os alunos compreendam que

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (Possenti, 1996, p. 29).

Por se tratar de um tema complexo, recomendamos que, em aulas futuras, os alunos sejam convidados a voltarem a refletir sobre a atitude do médico, mas, dessa vez, para também pensarem se, em seu cotidiano, já sofreram algum preconceito

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

linguístico ou se já ridicularizaram a fala de algum colega, por conta da pronúncia de alguma palavra ou pelo uso de alguma palavra ou expressão desconhecida.

Para a finalização da atividade de rotação por estações, o professor deverá reunir os grupos, questionar a percepção deles quanto à aplicação da atividade e, brevemente, contextualizar cada uma das variações trabalhadas. Esse balanço final também poderá ser seguido pelo pedido do professor para que respondam a um questionário *on-line*, explicando se gostaram ou não das estações.

Tanto as folhas preenchidas pelos grupos quanto os registros de áudio e foto por eles produzidos deverão ser entregues ao professor. A partir desses materiais, o professor poderá avaliar se os alunos entenderam e participaram das atividades, além de poder utilizar o que os alunos produziram em sala de aula e, a partir disso, aprofundar o conteúdo da variação linguística, sempre que for possível, nas demais aulas de língua portuguesa.

Esse trabalho proporcionará ao professor o desenvolvimento de uma atividade didática mais lúdica para ensinar o tema variação linguística, estimulando (i) a interação entre os alunos, (ii) a atenção deles para seguirem o passo a passo das folhas de orientação, e (iii) a criatividade, a reflexão e o senso crítico para realizarem as tarefas. Pretendemos, com ela, diversificar o ensino e a aprendizagem da variação linguística, que, muitas vezes, aparece apenas isoladamente em um capítulo pontual do livro didático.

4.3 Inovar para ensinar e aprender a variação linguística

Quando o professor se dispõe a tentar algo diferente para o ensino e a aprendizagem dos alunos, este necessita de tempo e planejamento para elaborar determinadas atividades. Nesse sentido, inovar para trabalhar o tema da variação linguística, a partir da rotação por estações, exige cautela, procedimentos detalhados e a elaboração de uma proposta para auxiliar os alunos na identificação dos tipos de variação.

Muitas vezes as aulas com base no método tradicional podem propiciar exaustão aos alunos, principalmente porque nesse contexto o professor é o detentor do conhecimento e somente expõe os conteúdos na frente da sala de aula, sendo que, em muitas situações, os alunos não têm a liberdade de se comunicar com o professor

ou entre si. Muitos professores nem ao menos abrem espaço para que os alunos tirem suas dúvidas. Nesse caminho Bagno (2008, p.74) defende que

O ensino tradicional da língua, no entanto, quer que as pessoas falem sempre do mesmo modo como os grandes escritores escreveram suas obras. A gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação linguística que merece ser estudada.

A proposta de inovar para ensinar e aprender é fazer com que os professores reflitam sobre o método que estão utilizando para ensinar, e se este realmente está apresentando resultados positivos na aprendizagem dos alunos, ao mesmo tempo que os alunos se sintam ativos em seu percurso formativo, com momentos de reflexões, interações e troca de conhecimentos de forma mais dinâmica.

Como recursos para a implantação de um método de ensino mais participativo, o professor pode tentar a utilização de estratégias diferentes em sala de aula. Para atrair a atenção do aluno, pode utilizar recursos didáticos variados, ferramentas tecnológicas e, além disso, propor atividades que busquem por uma aprendizagem significativa, em que haja interesse dos alunos ao realizarem as tarefas.

De acordo com Ribeiro (2023, s/p),

A educação inovadora se apresenta com o objetivo de atender as necessidades e mudanças que a sociedade vem sofrendo, assim como em qualquer outra área, afinal, é uma demanda deste novo contexto social. (...) Neste momento, uma relação deve estar clara: ao falar do tema inovação estamos falando de algo que está à serviço de alguém, com o propósito de melhorar a vida das pessoas, e no campo educacional, a lógica é a mesma.

Na proposta da atividade sobre variação linguística por intermédio da rotação por estações, podemos verificar o objetivo de alcançar essa aprendizagem significativa a partir de dinâmicas variadas (jogo da memória, visualização de vídeo com leitura de um conto, simulação de cenas comunicativas e debate) e da interação entre os alunos para a realização delas.

Diferentemente de uma aula tradicional sobre o tema da variação linguística, em que os alunos, sentados nas cadeiras, ficam enfileirados ouvindo as explicações do professor, na proposta apresentada, eles aprendem a língua portuguesa e se divertem ao mesmo tempo. Mais do que isso, eles são convidados a refletir que o

conhecimento que já têm sobre a língua que falam é muito rico. A partir dele, e dos usos legítimos que fazem da língua portuguesa, é mais fácil compreender o porquê de ter que aprender, na escola, as formas prestigiadas.

Inovar, utilizando ou não recursos tecnológicos, é fazer com que os alunos, nas aulas de língua portuguesa, criem condições de serem autônomos frente às diversas situações comunicativas em que poderão participar ao longo de suas vidas.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos apresentar uma proposta de atividade didática, com o intuito de trabalhar o tema da variação linguística e utilizar a metodologia da rotação por estações. Propusemos uma maneira dinâmica e divertida de abordar um tema relevante, atrelado ao respeito das culturas e das crenças da sociedade.

A variação linguística é um tema importante porque está presente na comunicação entre as pessoas, e, aproveitando o espaço escolar, é possível abordá-la para que os alunos consigam acessar às formas linguísticas prestigiadas com mais facilidade. É necessário que compreendam os valores sociais por trás da língua.

A atividade busca despertar o interesse e a reflexão dos alunos sobre as formas diferentes de se dizer a mesma coisa, apresentadas em quatro estações, voltadas ao estudo, respectivamente, da variação diatópica, da variação diacrônica, das variações diafásica e diamésica e da variação diastrática. Em síntese, a intenção é que os alunos percebam que as variações linguísticas ocorrem frequentemente em uma sociedade, já que as pessoas têm seu modo de se expressar, podendo ser distinto do modo que o outro se expressa e, ainda, do modo que será ensinado na escola.

A ideia de inserir, em cada estação, materiais e tarefas distintas serve para atrair a atenção dos alunos e impulsionar a interação entre eles. Apesar do tempo, e até mesmo do investimento de recursos próprios, que o professor precisará disponibilizar para o planejamento da atividade didática, a recompensa poderá ser gerada quando os alunos realmente estiverem envolvidos na proposta, aprendendo coletivamente.

A depender do contexto da escola em que a atividade didática for desenvolvida, ela deverá conter os ajustes necessários. Em todo o caso, em quaisquer situações, a inovação em sua aplicação está na possibilidade de ela atrair a atenção dos alunos para um método diferente de aprendizagem.

Ao tratarmos da inovação no contexto educacional, destacamos que esse assunto é importante atualmente, levando em consideração que devem ser trabalhados em sala de aula temas que os alunos presenciam em seus cotidianos, vivendo em uma sociedade, o que inclui questões de linguagem e de comunicação. Sendo assim, estaremos promovendo, em conjunto com os alunos, ações que respeitem e preservem a diversidade cultural e linguística, as crenças e os costumes

brasileiros. No caso de nossa língua, um trabalho nesse caminho também lida com o combate ao preconceito linguístico.

Em resumo, a atividade didática apresentada é uma maneira de proporcionar ao professor uma maneira diferente de abordar o tema da variação linguística na sala de aula, e de atrair a atenção dos alunos, para que conheçam o tema-alvo de uma forma mais dinâmica, com recursos diversificados, a fim de colaborar para um processo de ensino e de aprendizagem mais significativo.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, L. A. M. **O Triângulo Candango**: Tu, Você e Cê em Estudo Sociolinguístico. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18780/1/2017_LucasAryelMendesAbreu_tcc.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

ANDRADE , M. do C. F. de; SOUZA, P. R de. Modelos de rotação do ensino híbrido: estações de trabalho e sala de aula invertida. **3E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 3-16, 2016. Disponível em: <https://etech.sc.senai.br/revista-cientifica/article/view/773/425>. Acesso em: 26 out. 2023.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 50 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BANGO, M. Preconceito linguístico. *In*: FRADE, I. C. A. da S.; COSTA VAL, M. da G.; BREGUNCI, M. das G. de C. (org.). **Glossário Ceale** – Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BIAZOLLI, C. C.; GREGOLIN, I. V.; STASSI-SÉ, J. C. Contribuições do Programa Residência Pedagógica à formação inicial de futuros professores de línguas: aspectos da parceria colaborativa. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 155–170, 2021. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/420>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CARVALHO, O. L. de S. Variação linguística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. *In*: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 241-260.

CHAVES, E. **Implementação do pronome você**: a contribuição das pistas gráficas. 2006. 273 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6SHJUE/1/a_implementa__o_do_pronome_voc_.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

FIGUEREDO, L. De camões à Adoniran: o rotacismo em “Tiro Ao Álvaro”. **Medium**, 2019. Disponível em: <https://medium.com/@larissafiguereado/de-cam%C3%B5es-%C3%A0-adoniran-o-rotacismo-em-tiro-ao-%C3%A1lvaro-3a95449272d6>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GUIMARÃES, M. da C. B, *et al.* A metodologia de rotação por estações: uma análise das possibilidades e desafios na prática pedagógica. **Revista Amor Mundi**, 4(5), p. 101-106, 2023. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/240/176>. Acesso em: 28 out. 2023.

LUCENA, L. S. **A variação linguística como objeto de ensino na educação básica**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/24856>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MARINHO, J. H. C.; COSTA VAL, M. da G. **Variação linguística e ensino**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2015%20Variacao_Linguistica.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

MONTEIRO, S. M. Atividade didática. *In*: FRADE, I. C. A. da S.; COSTA VAL, M. da G.; BREGUNCI, M. das G. de C. (org.). **Glossário Ceale** – Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania**: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

NASCENTES, A. O tratamento de “você” no Brasil. **Revista Letras**, v. 5, n. 6, Curitiba, p. 114-122, 1956. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20034/13216>. Acesso em: 20 fev. 2024.

POSSENTI, S. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. Disponível em: https://tga.blv.ifmt.edu.br/media/filer_public/96/64/966462e4-66c5-41f0-a0ba-5e87f68e0b28/por-que-nao-ensinar-gramatica-na-escola-sirio-possenti.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

RIBEIRO, A. **Educação e inovação**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2023. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVA, L. V. P. da; BRASIL, S. da S.; FERNANDES, M. de M. Metodologias ativas: uma visão a partir da prática docente. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, (6(1), 1-25, 2023. Disponível em:

<https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1344>. Acesso em: 28 out. 2023.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZABALA, A. **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.